

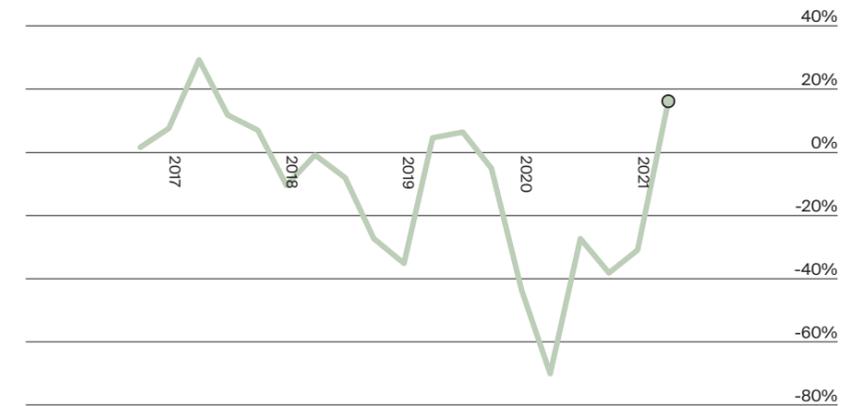
análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

PORTU
GUESE
SHOES
APICCAPS

2º TRIMESTRE
2021

produção

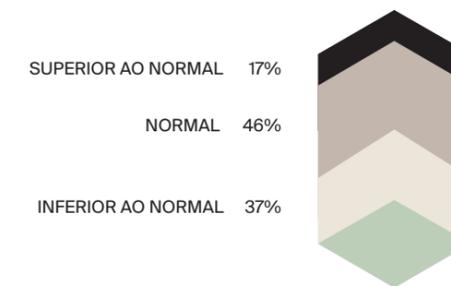
Tal como as empresas previam no final do trimestre anterior, no segundo trimestre de 2021, a produção da indústria portuguesa de calçado aumentou significativamente: 42% dos inquiridos registaram um aumento da produção, o que levou a uma acentuada melhoria no saldo de respostas extremas (s.r.e.), de -31 pontos percentuais (p.p.) para +15 p.p., o melhor resultado dos últimos 4 anos. As empresas que se dedicam maioritariamente ao mercado nacional são as únicas que continuam a traçar um retrato negativo da situação (s.r.e. -17 p.p.).



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

O segundo trimestre correspondeu às expectativas positivas que as empresas da indústria portuguesa de calçado tinham formulado no final do trimestre anterior, com uma evolução positiva na generalidade dos indicadores. As encomendas e a produção tiveram uma evolução muito positiva que permitiu recuperar os níveis de utilização da capacidade produtiva e mesmo do emprego. Consequentemente, a avaliação que os inquiridos fazem do estado dos negócios é a mais favorável desde o início da pandemia de COVID-19 e está a aproximar-se do que se verificava anteriormente. E, se esta avaliação não é mais positiva, é porque a recuperação da atividade empresarial está a ser retardada por dificuldades no abastecimento de matérias-primas e, surpreendentemente num contexto de crise económica, na contratação de pessoal. As previsões das principais instituições sugerem que, no futuro próximo, a recuperação económica deverá prosseguir, tanto em Portugal como nas economias dos principais mercados do calçado português, embora persista uma considerável incerteza relacionada com a evolução da pandemia. As empresas do setor do calçado acreditam que no terceiro trimestre as suas encomendas e produção se irão manter sensivelmente inalteradas, permitindo consolidar a recuperação e aumentar o nível de emprego.

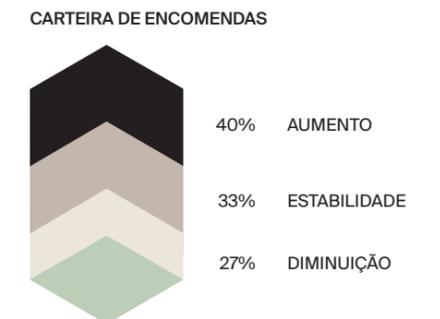
utilização da capacidade



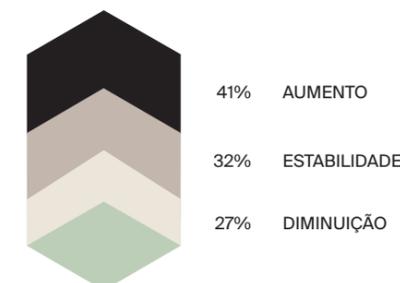
A maioria das empresas considera que a utilização da sua capacidade produtiva no segundo trimestre foi normal para a época do ano (46%) ou até superior ao normal (17%). Embora se mantenha negativo (-20 p.p.), o saldo de respostas extremas desceu para metade em relação ao verificado no trimestre anterior regressando a níveis semelhantes aos registos pré-pandemia.

carteira de encomendas

A evolução da carteira global de encomendas demonstrou uma clara inversão da tendência dos últimos trimestres, com 40% das empresas a indicarem um aumento da carteira e um terço a declarar a sua estabilidade, o que se traduziu num saldo de respostas extremas positivo de +13 p.p., também o mais favorável nos últimos 4 anos. A evolução da carteira foi mais favorável nas empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

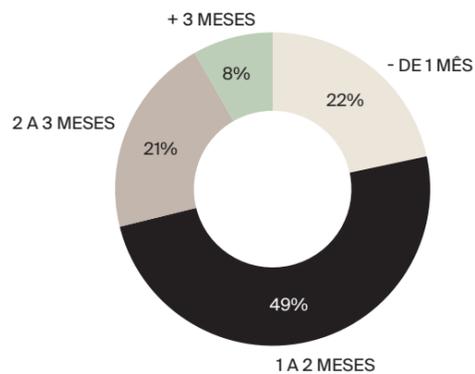


O cenário relativo à carteira de encomendas do estrangeiro é praticamente igual ao da carteira global, com um aumento muito significativo do número de empresas que referem um aumento (41%) face ao que vinha acontecendo há algum tempo, apresentando um saldo de respostas extremas de +14 p.p. As empresas com menos de 50 trabalhadores, orientadas para o mercado nacional, são as únicas que registam s.r.e. negativo.

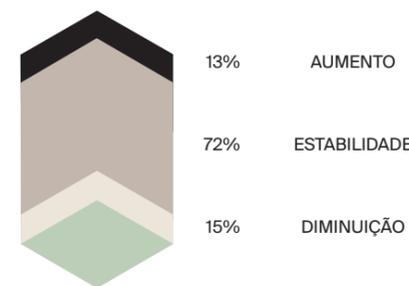
horizonte

Quase metade das empresas (49%) dizem que a carteira de encomendas lhes assegura a produção para 1 a 2 meses, um forte crescimento face aos 30% de empresas que diziam o mesmo no trimestre anterior. Este aumento teve por contrapartida um decréscimo quer das empresas que dizem ter a produção assegurada para menos de 1 mês (passaram de 27% para 22%), quer das que afirmam ter a produção garantida para períodos mais longos (21% dizem ter encomendas para 2 a 3 meses e 8% para mais de 3 meses).

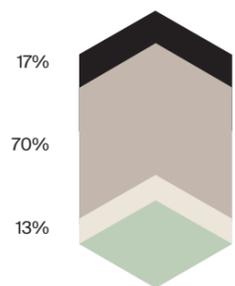
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



preços

A evolução dos preços no mercado revela uma tendência de melhoria muito semelhante no mercado nacional e estrangeiro. Em ambos os casos, a larga maioria das empresas, considera que durante o segundo trimestre os preços se mantiveram estáveis: 72% em Portugal e 70% no estrangeiro. Apesar desta semelhança, o saldo de respostas extremas foi negativo para o mercado nacional (-2 p.p.), mas já positivo para o mercado externo (+4 p.p.). As empresas de maior dimensão apontam para uma evolução mais vantajosa dos preços do que as mais pequenas.

peessoas ao serviço

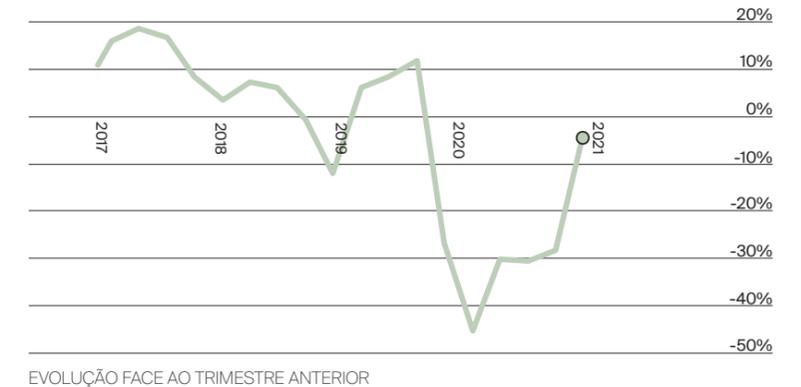
Praticamente três em cada quatro empresas afirmam que, neste trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não se alterou, sendo mais as que dizem que aumentou do que as que referiram o contrário (s.r.e. +2 p.p.). Este foi, por isso, o primeiro trimestre desde o final de 2017 em que a tendência da evolução do emprego na indústria portuguesa de calçado foi positiva.

EMPREGO

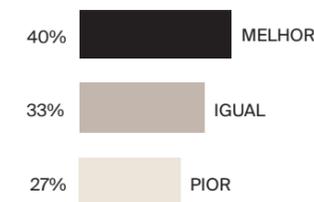


estado dos negócios

A recuperação da conjuntura patente nos resultados anteriores reflete-se na apreciação que as empresas fazem do estado atual dos negócios: quase metade (48%) consideram que é suficiente e uma em cada quatro empresas (24%) refere que é bom. O saldo de respostas extremas recuperou de -30 p.p. no trimestre anterior para -4 p.p. no segundo trimestre de 2021, o melhor resultado do último ano e meio.

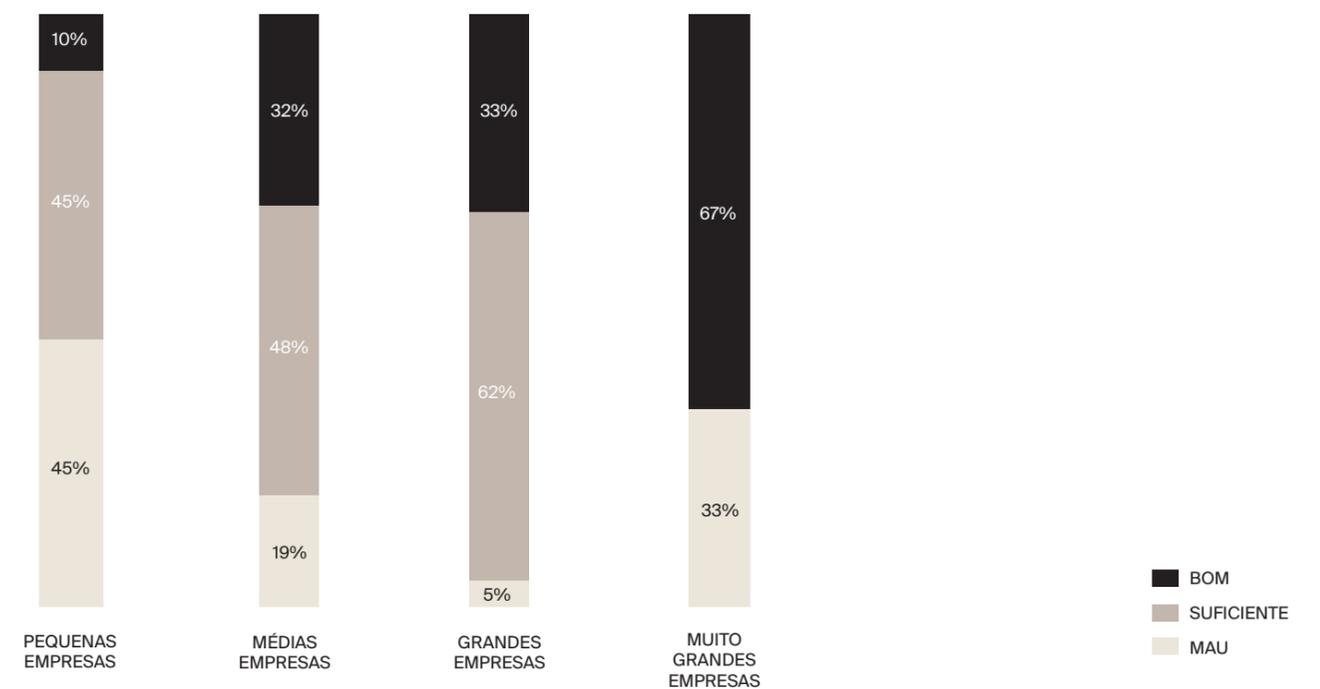


ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



A melhoria da conjuntura é notória na opinião das empresas sobre o estado de negócios neste trimestre por comparação com o trimestre homólogo do ano anterior: quase três quartos das empresas inquiridas consideram que a situação é agora igual ou melhor do que a então verificada. O saldo de respostas extremas passou de -30 p.p. no trimestre anterior para +13 p.p., agora, superando mesmo a previsão formulada no trimestre passado.

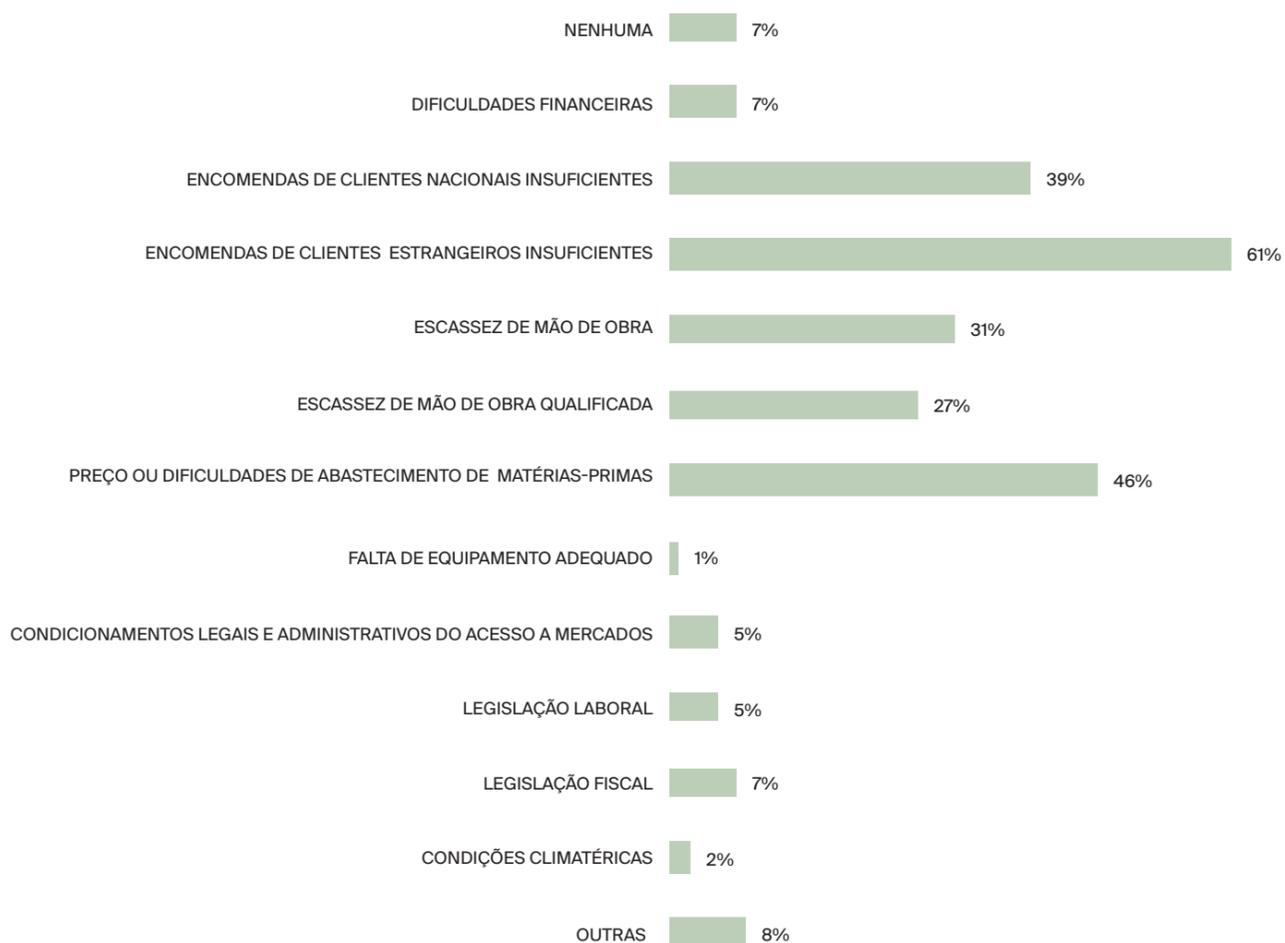
A apreciação do estado dos negócios é claramente pior nas empresas de menor dimensão (s.r.e. -35 p.p.), apesar de 45% considerarem a situação suficiente. As empresas de média, grande e muito grande dimensão registam saldos de respostas extremas positivos de +13 p.p., +28 p.p. e +33 p.p., respetivamente.



limitações à produção e vendas

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continua a ser a dificuldade mais referida pelas empresas inquiridas, mas a percentagem de empresas que as sentem (61%) desceu já mais de vinte pontos percentuais desde o máximo atingido no segundo trimestre de 2020, quando as restrições relacionadas com a pandemia de COVID-19 eram mais intensas. Quanto à insuficiência de encomendas de clientes nacionais foi mencionada por 39% das empresas, sendo o abrandamento em relação ao ano anterior menos significativo. A falta de encomendas, nacionais ou estrangeiras, preocupa especialmente as empresas de mais pequena dimensão e mais forte orientação para o mercado nacional. A retoma da atividade, associada às perturbações nas cadeias de valor decorrentes da pandemia, explica que as referências ao “preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas” estejam a aumentar rapidamente. No segundo trimestre, estes problemas afligiram quase metade das empresas (46%), igualando o máximo histórico de referências a esta dificuldade registado há precisamente duas décadas, no segundo trimestre de 2001. A preocupação com este fator é crescente com a orientação exportadora dos inquiridos.

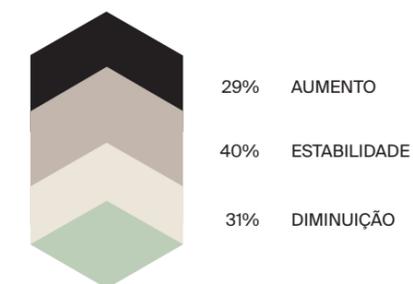
É também a retoma da atividade, eventualmente mais rápida do que se receava, que explica a verdadeira explosão nas referências a escassez de mão-de-obra, que passaram de 8% no trimestre anterior para 31% agora, o seu nível mais elevado de sempre! Neste trimestre, verifica-se até a situação paradoxal, nunca antes registada neste boletim, de haver mais queixas sobre a falta de mão-de-obra, em geral, do que de mão-de-obra qualificada (27%). A redução nas referências a dificuldades financeiras, para apenas 6%, é outro sinal da retoma da conjuntura, tal como o é, também, a redução das referências a “outras” dificuldades, não especificadas, para 8%, quando o ano passado tinham ultrapassado os 30% em consequência da crise pandémica.



tendência da produção

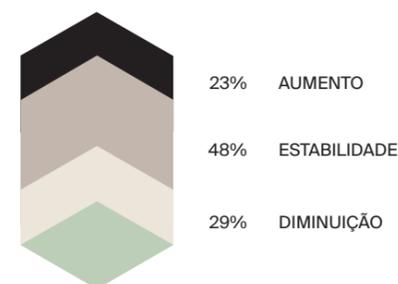
Depois da forte recuperação verificada no segundo, as empresas inquiridas acreditam que, no terceiro trimestre a produção da indústria estabilizará: 40% das empresas afirmam que assim acontecerá e as restantes repartem-se quase por igual entre as previsões de aumento e diminuição (s.r.e. -2 p.p.). As previsões relativas à produção são tendencialmente mais favoráveis entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

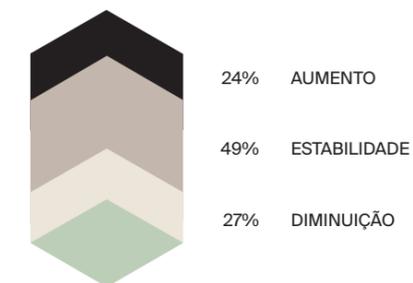


perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira de encomendas global e do estrangeiro são muito semelhantes: em ambos os casos, quase metade das inquiridas preveem estabilidade (48% e 49%, respetivamente). Os saldos de respostas extremas são de -6 p.p. para a carteira global e -3 p.p. para as encomendas do estrangeiro. Estes saldos negativos são determinados sobretudo pelo pessimismo das empresas que vendem predominantemente para o mercado nacional, uma vez que entre as restantes o s.r.e. é positivo.



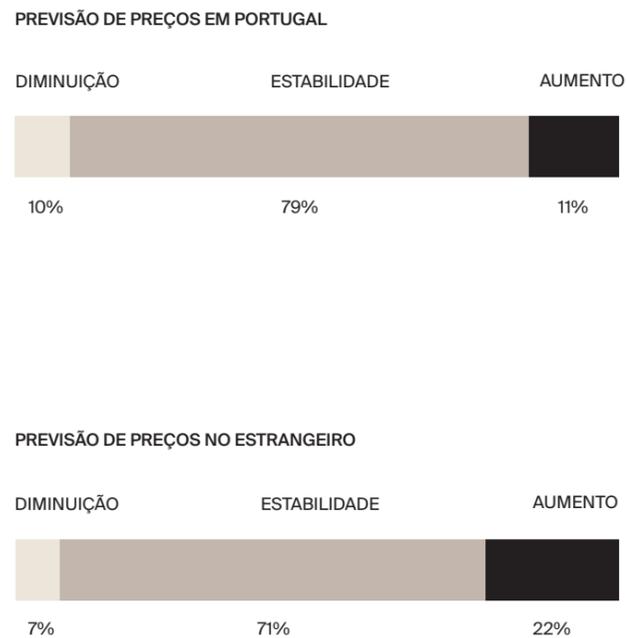
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

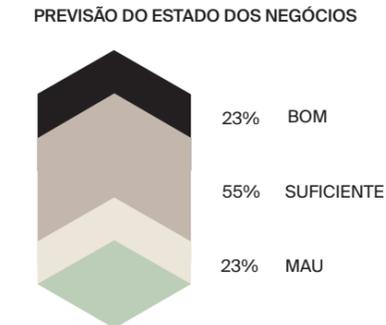
perspetivas de preço de venda

A larga maioria das empresas prevê que os preços de venda, no terceiro trimestre, se mantenham estáveis, tanto em Portugal (79%) como no estrangeiro (71%). No entanto, relativamente aos mercados externos, as empresas que acreditam num aumento do preço superam largamente as que receiam uma diminuição (s.r.e. +15 p.p.), enquanto relativamente ao mercado nacional essa diferença é diminuta (s.r.e. +1 p.p.).



perspetivas sobre o estado dos negócios

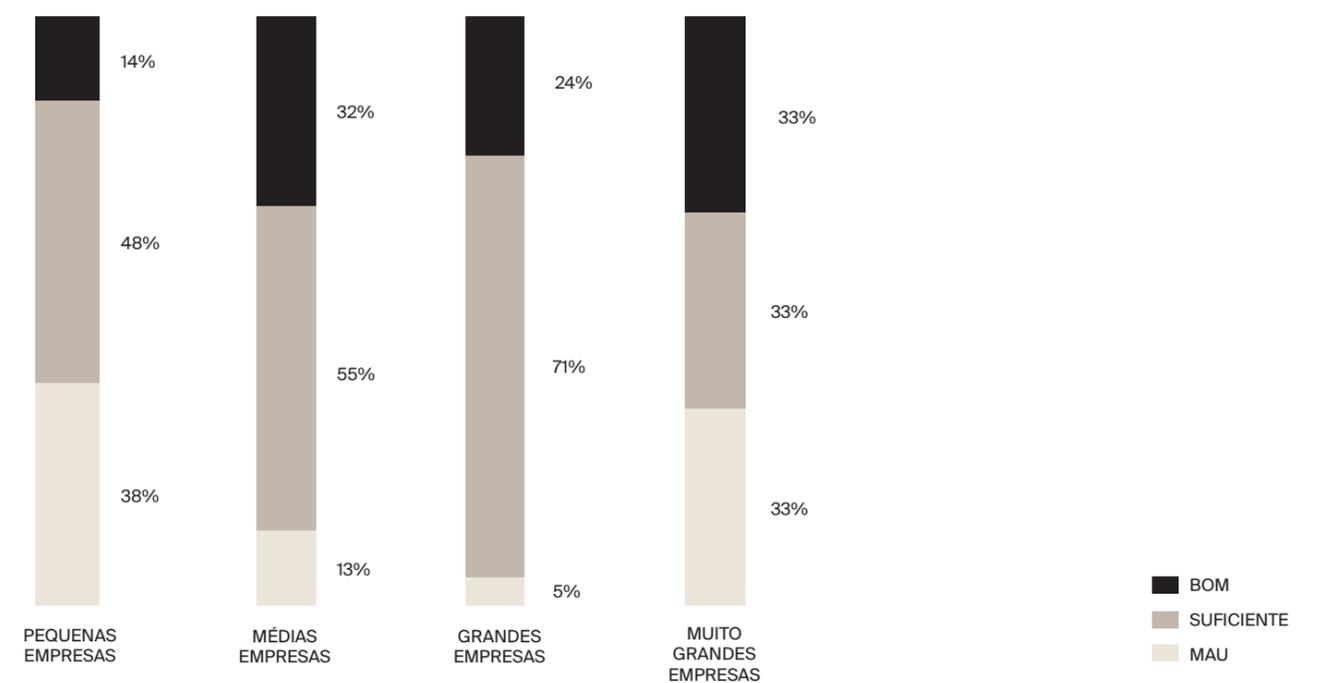
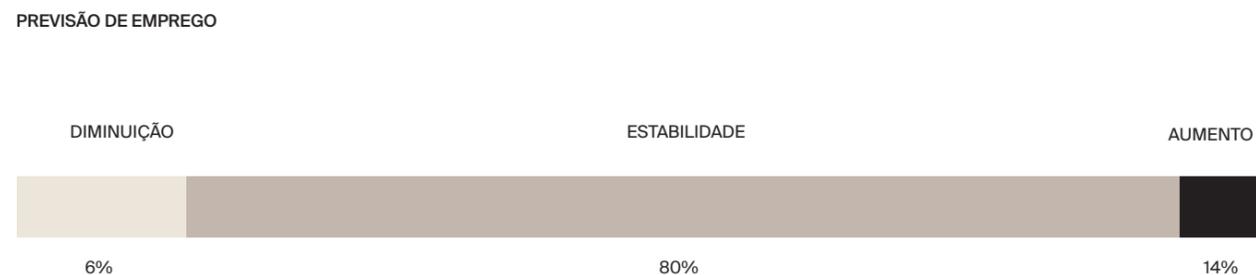
As perspetivas das empresas para o estado dos negócios mostram uma melhoria apreciável face ao primeiro trimestre do ano e são as mais favoráveis desde o final de 2019. Os inquiridos acreditam maioritariamente na estabilidade da sua atividade. O saldo de respostas extremas é nulo, com a mesma percentagem de empresas (23%) a considerar que o negócio poderá, ou não, ser bom, o que é o saldo mais favorável dos últimos seis trimestres. No entanto, as empresas que acreditam que o próximo trimestre será melhor do que o trimestre homólogo de 2020 superam em 5 p.p. as que preveem o oposto.



As empresas de média e grande dimensão são as que formulam as previsões mais favoráveis quanto ao estado dos negócios (s.r.e. +19 p.p., em ambos os casos), sendo as pequenas empresas as mais pessimistas (s.r.e. -24 p.p.). Entre as empresas orientadas maioritariamente para o mercado nacional, as previsões de degradação do estado dos negócios excedem as de melhoria, em termos de comparação com o trimestre homólogo do ano anterior.

perspetivas sobre o emprego

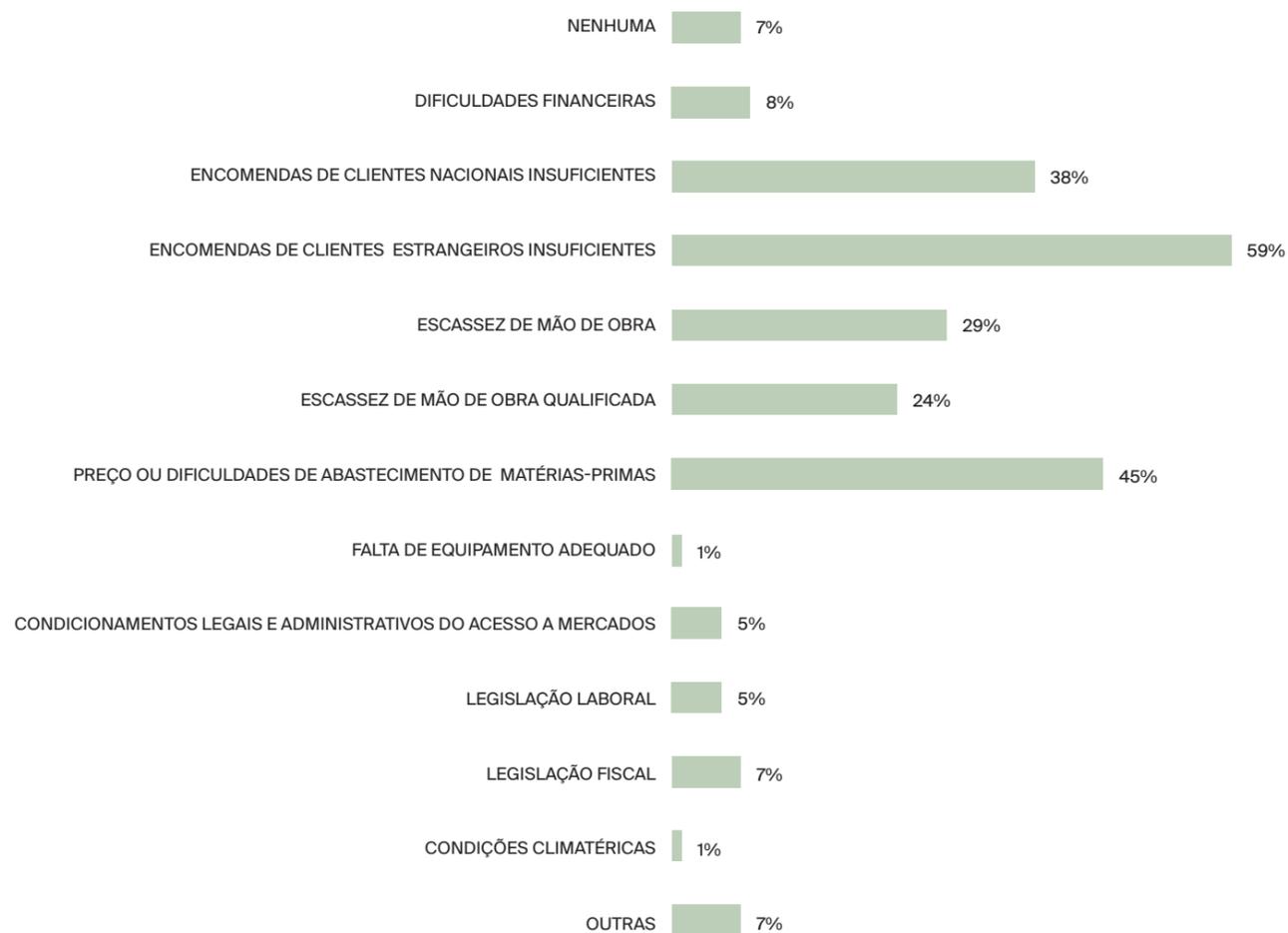
Quatro em cada cinco empresas não esperam alterar o número de pessoas ao seu serviço no terceiro trimestre. Entre as restantes, a percentagem das que esperam aumentá-lo é superior em 8 p.p. à das que pensam que venha a diminuir, resultando no primeiro saldo de respostas extremas positivo dos últimos dois anos. Este s.r.e. é positivo para todos os tipos de dimensão e orientação das empresas do setor, à exceção das grandes empresas e das fortemente exportadoras que não preveem nem aumento, nem diminuição do emprego.



limitações previstas

As limitações à atividade previstas pelas empresas para o terceiro trimestre não se afastam acentuadamente das que reportaram para o segundo, registando-se, na maioria dos casos, uma ligeira redução no número de referências. Assim acontece, nomeadamente, no que respeita à insuficiência de encomendas do estrangeiro (descida de 61% para 59%) e de clientes nacionais (de 39% para 38%), ao preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas (de 46% para 45%) e à escassez de mão-de-obra (de 31% para 29%) e de mão-de-obra qualificada (de 27% para 24%). No que respeita à mão-de-obra, esta previsão confirma o súbito crescimento da importância atribuída a esta dificuldade que era evidente nas respostas relativas ao segundo trimestre.

O único caso em que as previsões de dificuldades no terceiro trimestre são mais frequentes do que as referências que lhe foram feitas no segundo é o das dificuldades financeiras, que passam de 7% para 8%, um valor ainda assim reduzido face ao histórico do setor.



notas de conjuntura

A informação disponível sobre a situação da indústria de calçado na Europa corrobora a evolução positiva da conjuntura que está patente neste boletim. Na União Europeia, quando corrigidos os efeitos da sazonalidade, no segundo trimestre, o índice de produção na indústria de calçado aumentou 3,9%, face ao trimestre anterior, e 49,5%, face ao segundo trimestre de 2020. No entanto, a produção encontra-se ainda quase 20% abaixo da alcançada, antes da pandemia, no segundo trimestre de 2019. Os dados do Eurostat mostram que a indústria do calçado foi, neste período, muito mais sensível à conjuntura do que o conjunto da indústria transformadora, com uma quebra da produção muito mais intensa entre 2019 e 2020 (-46,4% face a -20,5%) mas igualmente uma recuperação muito mais intensa de 2020 para 2021 (49,5% face a 24,4%).

Os dados macroeconómicos apontam também para uma recuperação significativa: de acordo com as estimativas do Instituto Nacional de Estatística, no segundo trimestre de 2021, o Produto Interno Bruto português aumentou 15,5% face ao trimestre homólogo em 2020. O INE assinala que “O contributo da procura interna para a variação homóloga do PIB foi positivo, enquanto o contributo da procura externa foi nulo.”, dado que a forte recuperação das exportações foi acompanhada por um igualmente intenso crescimento das importações. A nível da procura interna, verificaram-se crescimentos homólogos significativos quer no consumo das famílias (+18,1%), quer no investimento (+10,5%), em particular no investimento em equipamento de transporte que aumentou 123,8%. O INE salienta, no entanto, que o crescimento expressivo verificado no segundo trimestre é influenciado pela situação excepcional verificada no ano anterior “(...) uma vez que as restrições sobre a atividade económica em consequência da pandemia se fizeram sentir de forma mais intensa nos primeiros dois meses do segundo trimestre de 2020, conduzindo então a uma contração sem precedente da atividade económica.”

A OCDE publicou em setembro uma nova edição do seu Economic Outlook em que afirma:

“O crescimento económico acelerou este ano, ajudado por fortes políticas de apoio, pela distribuição de vacinas eficazes e pela retoma de muitas atividades económicas. Prevê-se que o PIB global cresça 5,7% em 2021 e 4,5% em 2022. Uma forte retoma na Europa, a probabilidade de apoios fiscais adicionais nos Estados Unidos no próximo ano, e menor poupança das famílias irão estimular as perspetivas de crescimento nas economias avançadas. O PIB global já ultrapassou o seu nível pré-pandemia, mas persistem hiatos de produto e emprego em muitos países, particularmente em mercados emergentes e economias em desenvolvimento onde as taxas de vacinação são baixas. (...) Mantém-se uma grande incerteza. Progressos mais rápidos na distribuição das vacinas ou um abrandamento mais acentuado das poupanças das famílias estimulariam a procura e reduziriam o desemprego, mas potencialmente também aumentariam as pressões inflacionistas de curto prazo. Progresso lento na distribuição das vacinas e a continuada propagação de novas mutações do vírus resultariam numa recuperação mais lenta e maiores perdas de emprego.”

OCDE, OECD Economic Outlook, Interim Report September 2021: Keeping the Recovery on Track*

As previsões do Banco Mundial são semelhantes:

“A economia mundial está a viver uma recuperação excecionalmente forte mas altamente desequilibrada. O crescimento global deverá atingir 5,6% em 2021 – o mais elevado ritmo pós-recessão nos últimos 80 anos – em parte sustentado pelo firme mas altamente desigual acesso a vacinas. O crescimento está concentrado numas poucas grandes economias, com a maioria dos mercados emergentes e economias em desenvolvimento a ficar para trás.”

As previsões económicas das principais instituições para a economia portuguesa apontam para um crescimento de cerca de 4% este ano, variando entre 3,7% na previsão efetuada pela OCDE em maio e 4,8% na previsão de junho do Banco de Portugal, e de cerca de 5% no próximo, variando entre os 4,8% previstos pelo FMI em abril e os 5,6% do Banco de Portugal, em junho.

Banco Mundial, Global Economic Prospects, junho 2021*

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020

